



O EXCESSO DE SI: O CASO DE DANY LAFERRIÈRE

EXCESS ITSELF: THE CASE OF DANY LAFERRIÈRE

Daniel Conte*

Doutorado em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana/Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professor da Universidade Feevale
E-mail: danielconte@feevale.br
Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil

Paula Terra Nassr

Mestrado em Letras/Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: paulanassr@gmail.com
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Marinês Andrea Kunz

Doutorado em Linguística e Letras/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Professora da Universidade Feevale
E-mail: marinesak@feevale.br
Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil

*Endereço: Daniel Conte

Universidade Feevale. Rodovia RS 239, Vila Nova, CEP: 93352-000, Novo Hamburgo/RS, Brasil.

Editora: Dra. Marlene Araújo de Carvalho

Artigo recebido em 03/02/2013. Última versão recebida em 05/03/2013. Aprovado em 06/03/2013.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Apoio e financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

RESUMO

O objetivo deste trabalho é evidenciar a constituição híbrida do sujeito narrativo de Dany Laferrière em sua obra *País sem chapéu*. Partindo de uma investigação bibliográfica e da coadunação teórica dos conceitos abordados por Hall (2003), Bhabha (2012) e Said (2000/2011), evidencia-se um sujeito que apresenta características de um ser cindido, hibridizado e exilado. Este sujeito quando retornado ao seu país, já não se encontra representado nos fragmentos de uma cidade nervosa e feita de excessos.

Palavras-chave: literatura; sujeito; cisão; hibridismo; exílio.

ABSTRACT

The objective of this article is evidence the hybrid formation of the narrative subject of Dany Laferrière in this work “País sem Chapéu”. Starting from an bibliographic investigation and theoretic consistency approached by Hall (2003), Bhabha (2012) and Said (2000), becomes evident a subject that shows characteristics of a separated, hybridized and outcast creature. When returns to his country, this subject is no more represented in the fragments of a nervous and made by excess city.

Key words: literature; subject; outcast; hybridism; exile.

À GUISA DE INTRODUÇÃO

Ao lermos a narrativa *País sem chapéu* (2011), de Dany Laferrière, encontramos um sujeito que é produto da materialidade histórica da diáspora caribenha, e cindido entre dois mundos: um real e outro sonhado. Esses espaços que compõem o sujeito narrativo produzem um estranhamento, modo significador de um movimento de circunscrição do sujeito e de seus mundos, estabelecendo conflitos que fazem com que o agente social transite entre elementos imaginários que o levam ao hibridismo referencial, identitário.

Neste trabalho, propomos um diálogo entre as percepções de *sujeito cultural* trazidas por Hommi Bhabha (2012), Stuart Hall (2003) e Edward Said (2000). Esses autores erguem, a partir dos estudos culturais, uma perspectiva de sujeito que se materializa desde suas relações com a ossatura social que o suporta, gestando, desta forma, um imaginário interseccionado por discursos e ideologias diversos. Trabalhamos com a ideia de um sujeito híbrido e cindido, fruto das relações políticas e sócio culturais entre colonizadores e colonizados. Um sujeito que habita um entre-lugar e se apresenta de maneira opaca, disseminada, sem pretensão de uma totalidade, constituindo-se na articulação de diferenças culturais. Nessas condições, ele evidencia sua não-homogeneidade, e sua não-previsibilidade, fugindo às características sonhadas pelo processo colonialista: tornar o sujeito plenamente dominável. Por esse viés, sujeito e sentido passam a ter uma mobilidade ideológica e deixam de ser passíveis de homogeneização, perdendo a ideia de fixidez.

É desde o exposto que pretendemos evidenciar a condição discursiva do sujeito narrativo de Laferrière, partindo de uma investigação bibliográfica, embora sejam raras as produções críticas de qualidade relativas à sua obra. Faz-se importante ressaltar que o escritor haitiano traz em seu dizer literário uma linguagem constituída da imediata relação da exterioridade com seu espaço imagético-íntimo. Laferrière “aparece como um expoente de uma escritura híbrida e plural [...] que recria e reinventa o real”, resultando em uma obra “inserida num universo de travessia de línguas, de territórios e de imaginário” (SOBRINHO, 2010, p. 107). Sua tessitura dá passagem a uma voz que, povoada pela História que lhe foi particular, engendrou um evidente processo de sedimentação imaginária de suas relações sociais. A questão que nos leva a esta proposição é a seguinte: como se desvela, que mundos e que contextos histórico-culturais traz este sujeito narrativo de Laferrière?

DO CONTEXTO DA PARTIDA DO SUJEITO CONSTITUÍDO

O dia primeiro de janeiro de 1804 demorou mais que o comum para nascer, na ilha de Santo Domingo. O sol insistia em rasgar a quantidade considerável de nuvens escuras, raríssimas naquela região, para anunciar que o silêncio de um passado miserável estava prestes a ser rompido. O século XIX mal começara e, com ele, iniciou um dos mais significativos movimentos de sentido na ossatura social das Américas: a independência da ilha que passava, agora, a chamar-se República do Haiti.

O país teve a abolição da escravatura proclamada em 1794 e foi o primeiro país latino americano a declarar-se independente. Inspirados pela Revolução Francesa, os escravos de *Saint Domingue* se rebelaram contra a administração escravocrata da mais importante possessão francesa nas Américas e, de aí em diante, “o renascimento da cultura africana tornou-se o mais sólido cimento social, unificando este país empobrecido e isolado (AJAYI, 2010, p.920), reorganizando seus pedaços em uma nação. Toussaint L’Overture, um dos líderes da insurgência, foi em 1801 nomeado governador vitalício do país, porém logo após foi capturado por uma missão napoleônica do exército francês – que tinha como objetivo recuperar o comando do território –, e exilado na França onde faleceu dois anos depois.

Sem embargo, com a independência, o Haiti mergulhou em uma outra guerra de libertação, uma luta contínua e permanente pela sobrevivência, uma vez que teve de organizar uma funcionalidade de subsistência às oscilações de regimes que governaram a ilha desde a libertação colonial. A gangorra favorecedora da bipolaridade dos regimes republicano e monárquico.

A incrível produção de açúcar havia a essa época dado origem a uma elite mulata trazedora de uma ambivalência signíca, na maior parte das vezes, mal entendida pelos próprios haitianos e geradora, por conseguinte, de uma insatisfação orgânica de território historicamente violado. É a partir desse sentimento que, depois da morte de Dessalines, outrora homem forte de L’Overture, traído por seus próximos, que o país foi dividido em duas partes: o norte ficou sob a administração de Henri Cristophe e, o sul, de Alexandre Pétion. Contudo, Jean-Pierre Boyer, nos anos 20 do século XIX, unifica o país e dá marcha a um processo unicista das esferas sociais haitianas, recuperado mais tarde, nos anos 60, por Fabre Geffrard, lançando um olhar atento à instrução pública, à imigração e à agricultura, reforçando a produção do qualificado café haitiano.

À revelia dos movimentos políticos e sociais feitos pelos governos que se sucederam, se contradisseram e se ressignificaram, as revoltas civis nunca deixaram de figurar na política

haitiana. País de situação política delicada devido à mescla cultural que o ergueu, tem como fundante a polarização intempestiva de um imaginário esfacelado pelos governos alinhados à Igreja Católica, por exemplo, que condenaram a prática do *vodu* e perseguiram, sistêmica e violentamente, seus praticantes. A recuperação dessa manifestação cultural, anos depois, configura um marco na reorganização do imaginário do país, pois se apresenta como “uma resposta aos sofrimentos e humilhações sofridas durante a colonização” [...] traduzindo “fantasias coletivas, simultaneamente ameaçadoras e libertadoras” (PAULA, 2012, p. 249).

Inúmeros foram os administradores da nação e muitas e misteriosas foram as mortes desses homens. Assassinatos, explosões e falecimentos sem causa aparente marcaram as sucessões de comando na presidência do jovem nação. Nesse em torno, com tais oscilações, pouco se evoluiu econômica e politicamente. Métodos de trabalho antiquados, a violência simbólica engendrada contra o funcionamento de um imaginário permeado de uma diversidade matricial e a falta de recursos para a hercúlea tarefa da instrução pública – que não bastassem a precariedade e a emergência, ainda tinha de ser professada em francês, rechaçando o *créole*, – impediam uma estruturação de núcleos familiares nas classes mais humildes, conduzindo-as a uma relação instintiva de sobrevivência - oriunda e legitimada pelos colonialistas franceses (LEVENE, 1954, p.491).

Não bastasse o esfacelamento causado pelos franceses no período colonial com a violência escravocrata e a dissolução das condições de sobrevivência dos sujeitos sociais, com a intervenção americana em 1915, passou-se, por exigência condicional de protetorado, à administração de funcionários dos EUA, “a direção das finanças do Estado, incluindo as alfândegas, o exército, a polícia, a higiene pública, os telégrafos e todas as vias de comunicação, inclusive as estradas” (LEVENE, 1954, p.488). Essa apropriação americana, que vinha sendo planejada já há alguns anos, estabeleceu um neocolonialismo nefasto que forçou uma paz de 25 anos, conduzindo a sussurros históricos quaisquer tipos de manifestações culturais que eram vistas como desordem e reprimidas, violentamente, pela administração americana.

Foi na administração dos EUA que começou, com mais afinco, a organização de pequenos núcleos urbanos voltados, especialmente, para operários. Escolas foram edificadas, estradas construídas e dos refinados prédios públicos deflagravam normas extemporâneas a uma sociedade que ainda preservava, em silêncio, sua diversidade imagética, sua insubordinação ao decalque falacioso da razão imperial americana. A imposição da razão e do planejamento urbanos foi um empreendimento violento e enganador. Ensinavam a língua francesa, mas falava-se o *créole*; pregava-se o cristianismo católico, mas a prática de

transcendência era a do *vodu*; mudava-se e refazia-se a constituição do país de acordo com os interesses americanos, mas o que valia era o imaginário local cantado por Oswald Durand, Massillon Coicou e Tertulien Guilbaud em suas poesias.

Com a retirada dos EUA, e a promulgação da nova constituição do país em 1950, elege-se, neste mesmo ano, Paul Maglorie para a presidência da república. O ditador fica no poder até os meses finais de 1956, quando o médico François Duvalier, o “Papa Doc”, chega à presidência iniciando um período longo e nebuloso na história haitiana. Ao colocar em marcha um governo ditatorial que tinha como braço administrativo o exército e suas práticas repressivas, tornou-se um presidente temido e odiado, perseguidor incansável de seus opositores e da Igreja Católica, conduzindo sua guarda pessoal a realizar uma série de assassinatos justificados, sobretudo, pelo não-alinhamento político. Foram quase 15 anos de uma política estabelecadora do silêncio característico dos regimes totalitários, até o dia que Papa Doc foi assassinado, em 1971. Todavia a morte do ditador não significou a elevação de vozes abafadas durante o período, os sussurros seguiriam, pois Jean-Claude “Baby Doc” Duvalier assume a continuidade da política terrorista de seu pai.

A situação tornara-se insustentável, para Jean-Claude, 14 anos depois de assumir a presidência, mais especificamente na metade dos anos 80. O empobrecimento acentuado da população, a falta de políticas públicas para as emergências que permeavam as esferas da sociedade haitiana e a crise econômica não estiveram postas à contemplação do regime de terror do governo de “Baby Doc”. Em 1985, exilou-se na França, deixando o país a cargo de Henri Namphy, general de seu exército. Inúmeros haitianos, nessa época, empreenderam sua retirada do país acentuando o processo diaspórico caribenho. Poetas, músicos, intelectuais, artistas e escritores, dentre eles Dany Laferrière.

DA CHEGADA INACABADA

A obra *País sem chapéu* (2011), de Dany Laferrière, revela a trajetória do narrador, *Vieux Os*, que volta ao Haiti 20 anos depois de ter-se exilado na América. Recebido por sua mãe, Marie, e sua tia, Renée, em seu regresso de Montreal, inicia o intento de reconhecimento de sua terra natal, mas acaba movimentando-se à construção de um mosaico de estranhamento de seu país. A cidade de Porto Príncipe é o cenário que leva o autor a um sistemático recorrido pelo labirinto urbano, habitando os bairros mais populosos com sua perspectiva de um íntimo estrangeiro, esbarrando, confundindo e descobrindo os espaços em seu excesso. Em sua redescoberta do espaço de onde partiu vinte anos antes, “se deixa capturar por uma

infinidade de impressões sensoriais, odores, cores, imagens e sabores, que o impressionam e captam permanentemente sua atenção” (PAULA, 2012, p. 242).

A cidade se apresenta hostilizante, por vezes, e plena de carências. O que se percebe é uma ritualização do espaço da urbe, em detrimento das particularidades dos sujeitos que habitam aquele espaço, relegados a um segundo plano. As pessoas são vistas, raras exceções, como uma homogeneidade displicente, passam a existir quando são faladas, e não quando falam. É o espaço que se valoriza com o percurso narrativo, ao passo que, simultaneamente, o narrador vai registrando as nuances de um país em desvelo e construindo a história que motivou sua volta. Cada pedaço da cidade é propulsor de uma memória que remete o narrador a duas décadas antes, tempo de sua partida.

Vieux Os é um escritor reconhecido internacionalmente e leva em sua construção como personagem principal da narrativa a vantagem de ser uma espécie de *flâneur* que vem respirando, sentindo, mesclando-se e percebendo uma cidade diversa e próxima da que ele deixou outrora. Em verdade, mais diversa que próxima.

As diferenças e as injustiças sociais também o impressionam: a população aumentou, mas o espaço e as condições de habitação continuam as mesmas. A pobreza, o mau cheiro, a falta de higiene, os ambulantes, os bairros populares, a falta de informação, nada disso é realmente novo, mas o impressiona (PAULA, 2012, p. 244).

O estranhamento é fruto de anos distantes daquele compêndio imagético, que passou o personagem a viver pelos sonhos à época de seu exílio. O sonho do narrador, que se contrasta com a realidade violenta colocada à sua contemplação, traz uma intocabilidade da malha significativa que não conseguiu preservar fora de seu país e em seu retorno à realidade haitiana. Ao inserir-se na funcionalidade dos signos sociais do estrangeiro, trouxe elementos da pluralidade cultural vivida, o que vai levá-lo a um permanente processo de deslocamento íntimo, reforçando a estética diaspórica caribenha e desvelando sua cultura antropológicamente “impura” (HALL, 2003, p.35). Importante ressaltar essa questão da impureza trazida por Stuart Hall, uma vez que o autor vê isso como uma característica fundante da cultura em que os eventos históricos são permanentemente [re]visados e [re]apropriados. Para o autor, embora os Estados-nação imponham fronteiras rígidas, a cultura local tem de ser vista como um mosaico imaginado de movimentos diaspóricos continuados.

E para o diaspórico sujeito narrativo de Laferrière, o reconhecimento do espaço coaduna-se ao desconhecimento da maioria das pessoas que com ele cruzam.

A multidão caminha bem no meio da rua. As pessoas andam em todos os sentidos. Várias vezes, viram-se bruscamente e voltam pelo mesmo caminho. É a quarta vez que cruzo com esse homem. Ele me olha como se fôssemos velhos conhecidos. Quando voltamos para casa depois de tantos anos de ausência, temos medo de não conhecer um velho amigo. Então ficamos como em estado de alerta. Mas esse aí... não consigo, apesar de tudo, ligar um nome a seu rosto (LAFERRIÈRE, 2011, p. 48).

Dividido em capítulos que são intercalados, o *País sem chapéu* alterna-se em “País Real” e “País Sonhado”. Nos capítulos do “País real”, a vida se apresenta de modo fragmentado e os elementos constitutivos da narrativa são autônomos e funcionais, podem ser lidos independentemente, narram impressões diversas, mas quando colocados como peças compósitas, provocam um efeito de sentido por demais significativo, revelando um país miserável, fragmentado e com abissais diferenças sociais.

O que impressiona primeiro é o cheiro. A cidade fede. Mais de um milhão de pessoas vivendo em uma espécie de lodo (mistura de lama preta, de detritos e de cadáveres de animais). Tudo isso debaixo de um céu tórrido. O suor. Mija-se em todo lugar, homens e animais. Esgotos a céu aberto. As pessoas cospem no chão, quase no pé do vizinho. Sempre a multidão. O cheiro de Porto Príncipe tornou-se tão forte que elimina todos os outros perfumes individuais. toda tentativa pessoal torna-se impossível nessas condições. A luta é por demais desigual (LAFERRIÈRE, 2011, p. 58).

O espaço é erosionante e as misérias citadinas se acentuam devido à falta de condições de convívio, de educação e de adequação estruturo-funcional do urbano. As particularidades dos sujeitos são [des]significadas pela superestrutura violenta da cidade. São esses fragmentos que carregam, também, a percepção do “real”; pelos olhos do narrador, apresentam-se os amigos retomados, espaços revistos, as refeições, o amor da mãe e da tia, a lembrança da avó, os encontros casuais. É nesse espaço que a realidade se mostra violenta pela ditadura, pela miséria, pelas frustrações pessoais, pela conformidade dos atores sociais, pela efemeridade do tempo.

Nele, o leitor vê colocada à contemplação uma cidade narrada de uma distância que insinua um simulacro de des[re]conhecimento, no intento de colocar-se, exotopicamente, ao objeto. Quando o narratário se depara com o “País sonhado”, o discurso deixa de ser fracionado, revelando uma materialidade de difícil permeabilidade para o leitor, uma vez que guarda as particularidades culturais e temporais de um Haiti entendível só àqueles que dele se ergueram.

O texto é fluido: é “o país do vodu, das superstições, das fantasias, dos mitos, dos quadros naifs, das credices populares. É um país onde os deuses ainda circulam ao lado dos homens, onde o diabo se parece com um amigo da família” (PAULA, 2012, p. 245). Um

espaço em que se misturam acentuadamente elementos da cultura e da representação da subjetividade de um intelectual que de regresso à sua terra natal deixou a condição marginal do exílio e voltou a ser um sujeito do espaço que outrora abandonou. É no onirismo, no “País sonhado”, que o narrador tenta encontrar-se, entender-se, uma vez que há um resquício de fixidez.

Eles estão aqui, bem perto de mim, os mortos. Meus mortos. Todos aqueles que me acompanharam durante essa longa viagem. Eles estão aqui, agora, ao meu lado, bem perto dessa mesa bamba que me serve de escrivaninha, à sombra da velha mangueira carcomida por doenças que me protege do terrível sol do meio-dia. Eles estão aqui, eu sei, estão todos aqui me olhando trabalhar neste livro. Sei que me observam. Eu sinto. Seus rostos roçam-me a nuca. Eles se inclinam com curiosidade por cima de meus ombros. Eles se perguntam, levemente inquietos, como vou apresentá-los ao mundo, o que direi deles, eles que nunca deixaram esta terra desolada, que nasceram e morreram na mesma cidade, Petit-Goâve, que só conheceram estas montanhas peladas e estes anófeles cheios de malária. Estou aqui, na frente dessa mesa bamba, debaixo dessa mangueira, tentando falar uma vez mais da minha relação com este incrível país, do que ele se tornou, do que eu me tornei, do que nós todos nos tornamos, desse movimento incessante que pode até nos enganar e dar a ilusão de uma inquietante mobilidade (LAFERRIÈRE, 2011, p. 33).

É na inserção particularizante da cultura que ele consegue ver-se haitiano, perceber a desfronteirização do eu/espaço/real/mítico e compreender o espírito haitiano. O *continuum* e a re-encenação culturais desse sujeito constituído imagetivamente só ocorre nesse espaço de desarticulação do real. É no *locus* onírico, que as relações entre os mundos fluem na mais absoluta naturalidade, trazendo para a objetivação da escritura, o influxo sígnico de sua organização social primeira: o país negro e diaspórico de onde partiu para o mundo.

Ademais, este sujeito que se apresentará constituído de uma cisão, perceberá as diferenças, ignoradas nos capítulos que intercalam o sonho, se colocará em movimento ressignificador e sofrerá as consequências simbólica de um exílio precoce.

Vieux Os foi forçado ao exílio à época do governo de Jean-Claude Duvalier, o “Baby Doc”, e seu pai, político e irrequieto intelectual, já havia feito esse movimento antes, na corrupta e violenta administração de François Duvalier, pai de Jean-Claude. Aqui uma referência significativa: o pai, “Papa Doc”, exilou o pai escritor. E o filho, em repetição arquetípica, empreendeu, uma vez mais o movimento de exílio, agora, em direção a *Vieux Os*, filho do pai exilado. Pai e filho exilados e exiladores. Ao presenciar Marie, sua mãe, falando com outro homem, reflete: “Os dois homens de sua vida (não os dois únicos espero) passaram a maior parte de sua vida no exílio. Meu pai e eu” (LAFERRIÈRE, 2011, p. 48). O sentimento de exilado é uma constante na obra de Laferrrière, estabelecendo um processo de auto-culpabilização do narrador.

As movimentações para o exílio do sujeito envolvem questões importantes, mas duas são de todas, a nosso ver, as mais significativas: a ocupação de uma margem que o levará à flutuação imagética e, a outra, a diáspora íntima de um ser cindido desde sua partida. Edward Said afirma que

O problema é que, para a maioria dos exilados, a dificuldade reside, não só no facto de serem forçados a viver longe de casa, mas antes, e tendo em conta o mundo de hoje, em viver com inúmeras evocações de que estão no exílio, de que as suas casas não estão, na realidade, tão distantes, e de que o tráfego habitual do dia-a-dia da vida contemporânea os mantêm em contacto permanente, embora tentilizante e vazio, com o local antigo. Assim sendo, o exilado existe num estado intermédio, nem completamente integrado no novo lugar, nem liberto do antigo, rodeado de semi-envolvimentos e semi-distanciamentos, nostálgico e sentimentalista, por um lado, imitador competente ou proscrito em segredo, por outro (SAID, 2000, p. 52).

Não existem muitos intelectuais que falem com tanta propriedade sobre a questão do exílio e da condição deslocada do intelectual como o historiador palestino. Said carrega em sua biografia, andanças significativas que o colocaram sempre numa condição de não pertença, que o levaram sistematicamente a preencher sua vida com o prefixo caracterizador da situação intermediária. E isso está evidente na obra de Laferrrière: um homem que ocupa outro espaço, o da América, e volta já com um constructo de marginalidade tão acentuado que não consegue ver seu país real, a não ser por fragmentos que se insinuam dispersos. É no exílio que emergirá a não-haitianidade que compõe o narrador ao mesmo tempo que reforçará sua condição de haitiano, habitando um entre-lugar, conforme nos aponta em seus estudos Hommi Bhabha (2012). Este sujeito que se representa em dois mundos controversos passa a ocupar um *entre-lugar*, caracterizado pelo autor como um espaço de elaboração de estratégias de subjetivação que leva à produção de novos signos de identidades. É neste entre-lugar que se encontra toda a confluência das diferenças culturais estabelecida da organização dos novos signos que sedimentarão uma identidade outra, já re-encenada e que faz do presente um tempo a ser construído. É isso que ocorre com o sujeito narrativo do *País sem chapéu*.

Parece paradoxal, entretanto, os movimentos de exílio favorecem o “ver-se” de modo mais pleno e reforçam a ideia da volta plenificadora, já que “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 203, p.28). É o voltar e o peregrinar pelo espaço da cidade que o fará reconhecer-se como partícipe da urbe. É desde a terra do Outro, Montreal, lugar que habita e onde engendrou um espaço de conforto para o arquétipo deslocado que se tornou, que *Vieux Os* vai agora perceber seu país, tentando ressignificá-lo. Esse processo de “redizer-se” é o explicitar o encontro de culturas diversas em um mesmo sujeito. Em seu caso, esses movimentos de influxos servem para que se represente uma força

imagética que exerce, simultaneamente, um movimento de unidade e de diversidade libertária. Entender o Outro é, também, aceitar a frustração de não entendê-lo, uma vez que há opacidades constituintes de sujeitos diversos. Laferrière conduz o leitor a um labirinto de subjetivações, a um mecanismo de questionamento a respeito dos planos da narrativa e da própria condição dos narratários.

Irene de Paula (2009, p. 398) observa que

Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau defendem a ideia de que o passado das Antilhas deve ser re-inventado, re-apropriado, pois segundo eles, nos países colonizados em geral, a História oficial ignorou e deturpou as histórias dos povos transplantados e sustentou ideologias que legitimaram o racismo e a escravidão.

Embora Dany Laferrière não tenha sua escrita engajada em movimentos estéticos, consegue com galhardia, redizer as principais nuances da cultura de seu país, evidenciando fragmentos do imaginário, sua representatividade e sua aporeticidade idiossincrática. Ele é o percebedor de uma terra de onde emergem urgências que a beleza particularizante não consegue velar; de uma terra em que os eventos históricos (como as ditaduras de “Papa Doc” e “Baby Doc”) são meros ilustradores do conflitante drama individual. É dessa percepção subjetiva do espaço que se ergue uma pluralidade significativa que mostrará ao leitor a identidade cindida do homem que está em permanente diáspora íntima porque se construiu não só dos fragmentos que se lhe apresenta a realidade de seu país, mas, sobretudo, das partículas significantes do exílio.

O narrador desacredita, vacila, em muitas ocasiões, quando [re]faz o movimento de pensar a vida a partir do imaginário haitiano. O que não lhe parece engraçado, provoca-lhe um sentimento de incredulidade mística, própria do estrangeiro, um estrangeiro que nunca deixou de sonhar com seu país.

As situações corriqueiras e as conversas cotidianas provocam-lhe curiosidade e estranhamento. Em determinada passagem da obra, no momento que Marie, sua mãe, recebe a visita do senhor Pierre, ele se coloca diante de duas pessoas que nunca haviam “deixado o país” e desconcerta-se com as palavras do visitante. A situação o leva à tentativa de entendimento de algo que outrora lhe foi constitutivo: o entendimento do imaginário do Haiti.

Minha mãe senta-se num canto para nos escutar, olhos à espreita. Ela vigia em mim o menor sorriso irônico. Minha mãe se engana, essa história me interessa muitíssimo, na medida em que quero saber como funciona o espírito haitiano (LAFERRIÈRE, 2011, p. 95)

O comportamento do personagem traz à tona a caracterização arquetípica e fetichista da colonização, se pensarmos em Hommi Bhabha (2012). *Vieux Os* é já o desterrado que volta

e estabelece um funcionamento de estranhamento do que outrora lhe foi próprio e não alheio. O que se percebe nessa relação desenhada no excerto é o reconhecimento e a recusa implicatória do mesmo.

As palavras de Pierre retomam, na oposição estatutária dos personagens, a dicotomia conhecimento/recusa e desenham um constructo psíquico denegador. A delicada situação evidencia a perplexidade não só do personagem que caminha e silencia no intento de entender o Outro apresentado à sua frente, embora, outrora, este Outro lhe fosse próprio; mas, também, na condição de narratário, quando a escuta que faz de Pierre, leva-o a um patamar de estrangeiridade na sua própria casa. “Isto porque em *País sem chapéu*, embora o autor-narrador redescubra o país natal através das diversas experiências sensoriais, que reatualizam lembranças e afetos, carrega consigo uma incontornável bagagem de vida” (PAULA, 2012, p. 237).

Esse procedimento de deslocamento está fundamentado na situação do sistema marginalizante do exílio. Said diz que o

deslocamento para o exílio significa ser libertado da carreira habitual, na qual “ter sucesso” e seguir o exemplo dos veneráveis são os marcos principais. O exílio significa que iremos ser sempre marginais e que o que fazemos enquanto intelectuais tem de ser inventado, na medida em que não podemos seguir um caminho prescrito (SAID, 2000, p. 61).

Faz-se importante ressaltar que esta situação em que se encontra, movimenta o narrador para uma reflexão sobre sua própria condição de [des]entendedor da cultura haitiana, porque o código sígnico que o está reservado à interpretação apresenta-se permeado de uma imensidão de exílios íntimos carregados por cada haitiano habitante de Porto Príncipe que se empreende em direção à liberdade de caminhos incertos oferecidos pela malha labiríntica da urbe.

Não, eu ainda não tinha entendido, mas não queria dizer isso ao senhor Pierre para não decepcioná-lo. É nisso que dá passar quase vinte anos fora de seu país. Já não entendemos as coisas mais elementares (LAFERRIÈRE, 2011, p. 96).

A aceitação íntima de não entender um conterrâneo, e o cuidado em evitar uma decepção, traz junto uma dose de desencanto e demonstra que o espírito haitiano cindiu-se à revelia de sua vontade, depois de duas décadas à margem da margem. Mas também traz a constatação simbólica de que ser haitiano é não entender o haitiano, reforçando a ideia de Hall (2003) de uma impureza cultural.

O sujeito discursivo de Dany Laferrière é um ator social que, devido à cisão imaginária que lhe acometeu e o trajeto constituidor de seu exílio, ergue-se desde uma ruptura imagética dos polos: haitiano/não-haitiano, real/sonhado, centro/periferia e colonizador/colonizado. As estruturas simbólicas que o sustentam estão em permanente tremor e deslize e sua formação discursiva o desloca, estando sempre à margem de si mesmo. O sujeito nesse processo de reconstituição não é *uno*, mas, sim, cindido, por isso evidencia um não-controle sobre o arranjo histórico que o conduziu ao desconforto do estranhamento e à busca de completude. Nesse entre-lugar, que é o espaço que cabe àquele que se movimentou ao espaço do Outro, empreende o intento de recuperar narrativamente fragmentos de si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sujeito narrativo de Dany Laferrière em seu constructo discursivo apresenta uma significativa relação com os espaços que lhe constituíram: o Haiti e o exílio, e, em seu retorno, o “país real” e o “país sonhado”, caracterizando a materialidade histórica constitutiva de sua linguagem. As subjetivações que levaram este sujeito a exilar-se são as mesmas que o fizeram voltar, isto é, os deslocamentos íntimos de sentido. Esses movimentos conduziram-no à inserção na funcionalidade dos signos culturais do Outro, quando no exílio, engendrando elementos constituintes de sua hibridez e potencializando sua condição marginal.

O insólito do regresso caracteriza-se como um processo corriqueiro, uma vez que o país que ele encontra ao retornar é um espaço de estranhamento, quando se insere na fragmentação do real e, de reconhecimento, quando habita simbolicamente o país sonhado. É do choque estabelecido entre o local e o universal que verte desse sujeito os anseios caracterizadores de seu hibridismo e de sua sensação de exílio na terra onde nasceu. Nessa dicotomia espacial, que divide o país em duas partes, ele se cinde, acentuando sua flutuância na malha imaginária haitiana. Notamos, ademais, que o exílio é uma parte importante da formação discursiva de *Vieux Os*, uma vez que proporciona elementos significantes para a composição do sujeito narrativo do narrador.

São essas referências as de deslocamento e de exílio, somadas à condição antropológica do Caribe, trazida por Hall, que caracterizam o mosaico imagético que vai compor o narrador, tornando-o um excesso de si.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. (org.). SOVIK, L. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HISTÓRIA DAS AMÉRICAS, XI: América Contemporânea. Editado por Ricardo Levene. Editora Brasileira: São Paulo, 1954.

HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, VI: África do século XIX à década de 1880/editado por J. F. Ade Ajayi. Brasília: UNESCO, 2010.

LAFERRIÈRE, D. **País sem chapéu**. São Paulo: Editora 34, 2011.

PAULA, I. Pays sans chapeau: uma autoficção americana, entre o real e o sonhado. **Cadernos de Letras UFF**. Rio de Janeiro, n. 45. p. 233-254, 2^o. sem/2012.

_____. A descolonização simbólica do negro da diáspora: ironia e fantasma em Dany Laferrière. **Revista Brasileira do Caribe**. Goiânia, n. 12. p. 397-418, jan-jun 2009.

SAID, E. W. **Representações do Intelectual**. Edições Colibri: Lisboa, 2000.

SOBRINHO, A. V. da L. M. Narrativa autobiográfica de infância: arrebatados pelos sentidos em L'odeur du Café, de Dany Laferrière. **Revista Criação & Crítica**. São Paulo, n. 4. p. 103-118, abril de 2010.